

**MODOS PARA UMA  
PÓS-VERDADE,  
ESCRITA E...**

WAYS TO A POST –TRUTH,  
WRITING AND...

MODOS PARA UN PÓS-VERDAD,  
ESCRITA Y ...

**Renata Ferreira da Silva<sup>1, 2</sup>**

## **RESUMO**

Como fazer da própria escrita uma paixão? Perco-me. A escrita, não como uma potência exercida sobre uma paixão, mas a força de uma paixão. Afinal, quem escreve constrói um pensamento ou é construído por ele? À medida que escrevemos entramos em contato com forças e, na medida em que sofremos suas ações, um sentido singularizado torna-se escrita. A paixão aqui neste texto é pensar modos de escrita agenciados a... paixão, amizade, andarilhagem e... como sequência suplementar para uma escrita pós uma verdade... Que modos são estes? Modos de vida, estudo, pesquisa e existência.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escrita; paixão; pós-verdade.

## **ABSTRACT**

How to make from our writing a passion? I lose myself. Writing, not as a power exercised over a passion, but an force of a passion. After all, who writes constructs a thought or is it constructed by it? As we write we come in contact

<sup>1</sup> Doutora e mestre em Educação (UFSC). Atriz. Professora da Universidade Federal do Tocantins, curso de Teatro (UFT). Blog: [teatrodemimagens.blogspot.com.br](http://teatrodemimagens.blogspot.com.br). E-mail: [renataferreira@uft.edu.br](mailto:renataferreira@uft.edu.br).

<sup>2</sup> Endereço de contato da autora (por correio): Universidade Federal do Tocantins, Curso de Lic. em Teatro - Campus Palmas. Quadra 109 Norte Avenida NS 15, Plano Diretor Norte, CEP: 77001090 - Palmas, TO – Brasil.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p56>

with forces, and as we undergo their actions, a singularized sense becomes written. The passion here in this text is to think of ways of writing that are linked to ... desire, joy, fiction, passion, friendship, travel ... as a supplementary sequence for a writing post a truth ... What are these ways? Ways of life, study, research and existence.

**KEYWORDS:** Writing; passion; post-truth.

#### **RESUMEN**

Como hacer de la propia escritura una pasión? Me pierdo. La escritura, no como un poder que se ejerce sobre una pasión, pero la fuerza de una pasión. Después de todo, quien escribe construye un pensamiento o es construido por él? Mientras escribimos nos ponemos en contacto fuerzas y, la medida en que sufrimos sus acciones, un sentido singularizado se convierte en escritura. La pasión aquí en este texto piensa modos de escritura agenciados al...deseo, a la alegría, a la ficción, a la pasión, a la amistad, a los viajes... como secuencia suplementar para escritura pós uma verdade.... ¿Que modos son estes? Modos de vida, estudio, investigación y existencia.

**PALABRAS CLAVES:** Escrita; pasión; pós-verdad.

Recebido em: 05.10.2017. Aceito em: 01.12.2017. Publicado em: 01.01.2018.

Escrever. Afinal, quem escreve constrói um pensamento ou é construído por ele? A escrita não pode ser considerada um instrumento do pensamento. À medida que escrevemos entramos em contato com forças e sofremos suas ações, um sentido singularizado torna-se escrita. Nunca estivemos separados de nossos textos, ou ainda, nunca estivemos inocentemente guardados como um "eu", aquele pré-existente à linguagem. O que propor para pensar escrita? Os modos deste texto são uma sequência suplementar para uma escrita pós uma verdade.... Não penso ela por dentro, exercito-a como um fora. Sim, a escrita tem a ver com um lado de fora. Só posso entender que há um lado de dentro se ele for provisório, composto pelas forças do lado de fora. Então seria isto. O lado de fora diz respeito à força da escrita. E toda força se relaciona com outras forças. Parto de uma pequena trilogia conceitual: paixão, amizade e andarilhagem para pensar modos para uma pós-verdade, escrita e....

## **PAIXÃO**

A escrita, uma potência que não é exercida sobre uma paixão, mas a força de uma paixão. Isto tem para mim uma alegria de perder-se. Acho tudo muito perigoso. Escrevemos apaixonados pelas coisas que percebemos a partir das leituras e situações que perseguimos? Elas são novas e têm um gosto bom. Quando não são novas dão prazer na sua repetição. Fazer de novo como quem conhece e se permitir arriscar ainda mais (Há esta permissão?).

Errar vai tornando-se um caminho atraente da mesma forma que arriscar novos pensamentos. O limite torna-se objeto. Incorporo ao meu instinto que o conhecimento acompanha o perigo. Não importa mais nada, nem mesmo o Eu, "não é a vitória sobre as paixões, mas a vitória da paixão" (PONTON, 2009,

p.47). A paixão se define pela aventura de quem não “quer conhecer a si mesmo”, pois o Eu já não importa. Quando apaixonados vivemos perigosamente e inclusive fazemos experiências sobre nós mesmos.

No percurso de uma escrita encontro este eterno e intenso estado de experimentação em detrimento de um pensamento ocupado com a verdade que quer “pôr sua vida em jogo pelo conhecimento, e um pensador põe a sua vida em jogo fazendo experiências” (PONTON, 2009, p.48). Não sei se esta paixão é coisa organizável. Como seria colocar a vida em jogo? Às vezes, criamos regras. Isso eu posso, isso eu não posso. Mas, há sempre o lance de dados que desorganiza. A vida se vinga dos nossos planos.

A paixão também implica renúncia a tudo o que não se ama e que talvez não se queira mais amar. Dizem que o apaixonado só quer satisfazer o impulso de sua paixão, que conhecimento tornado paixão é o único objetivo. Como um andarilho indiferente ao que não ama, o apaixonado é livre para pensar sem depender do que pensam os outros. Há apenas um impulso a satisfazer, uma simplicidade: a paixão de conhecer o que se ama. Este impulso pode ser satisfeito? Este amor é possível ou impossível?

Quando amamos o conhecimento, amamos as coisas, isto é, o que não está em nós. O que não está em nós é algo que nos é estrangeiro e nos faz sair de nós mesmos para ver algo fora de nós “tendo o olhar desviado de si mesmo. Entretanto, o homem apaixonado encontra e afirma a si mesmo. A paixão é ao mesmo tempo desprezo de si ‘que importa eu’ e a afirmação de si” (PONTON, 2009, p.54).

Este amor é impossível: ao desviar o olhar de si mesmo, para ver algo fora de si, vemos nada mais do que nós mesmos, presos ao espelho. Conhecemos apenas a nós mesmos quando procuramos conhecer as coisas?

Esta paixão também me sufoca dentro de um espelho, parece que sucumbimos. Então, a paixão do conhecimento é desejo pelo impossível. A impossibilidade de incorporarmos a verdade torna o amor pelo conhecimento um objetivo de vida: “não é mais a vida que dá sentido ao conhecimento, é o conhecimento que dá sentido à vida” (PONTON, 2009, p.59). Isto muda tudo. Minha paixão é *um sentido* para o que pode uma escrita.

## **AMIZADE**

Trazer a amizade para escrita é um exercício de deslocamento da intimidade privada para o público do mundo. Não posso alongar-me neste assunto. Mas, pensar a escrita pela amizade é pensá-la menos como relação institucionalizada do que forma de vida em experimentação. E, isto já é outra coisa. A amizade “constitui um exercício do político, uma forma de re-traçar e re-inventar o político” (ORTEGA, 2000, p.58). Buscando menos uma política da amizade – aquela que eu te ajudo, te facilito, te consigo, pois és meu amigo – do que uma amizade como política, é que começo a perceber o conceito de amizade por sua descontinuidade. A amizade torna-se uma categoria, uma condição para que o pensamento seja exercido. A amizade pressupõe um amor mútuo?

A partir dos livros VIII e IX de Aristóteles em sua *Ética a Nicômaco*, percebo que a amizade tem como fundamento o amor mútuo - *Philia*. A amizade é um vínculo afetivo, um *bem querer*. Em função deste amor, nós podemos experimentar três tipos de amizade, ora baseada na utilidade, ora no prazer e ora no bem. Surpreendo-me como Aristóteles fala das coisas comuns, do que nos acontece, da vida. Entendo este amor-amigo nascido na relação com o outro, ou seja, uma experiência imanente. No caso da amizade pela

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p56>

utilidade, este amor não é pelo amigo, mas pela vantagem que temos com este amigo, o bem imediato que ele nos oportuniza. Já na amizade pelo prazer, o amor é pela experiência agradável que a amizade oferece, enquanto há prazer há amigo.

[...] logo, as pessoas que amam as outras por interesse amam por causa do que é bom para si mesmas, e aquelas que amam por causa do prazer amam por causa do que lhes é agradável, e não porque a outra pessoa é a que amam, mas porque ela é útil ou agradável. Sendo assim, as amizades desse tipo são apenas acidentais, pois não é por ser quem ela é que a pessoa é amada, mas por proporcionar à outra algum proveito ou prazer. Tais amizades se desfazem facilmente se as pessoas não permanecem como eram inicialmente, pois se uma delas já não é agradável ou útil a outra cessa de amá-la [...] portanto, desaparecendo o motivo da amizade está se desfaz, uma vez que ela existe somente como meio para chegar a um fim (ARISTÓTELES, VIII – 3, s/p, 1991).

A amizade baseada no bem é diferente, torna-se uma virtude. Nela o amor é pelo o que é bom para o amigo. E o amigo é outro eu. É com quem experimento um vínculo afetivo, interpessoal que me faz conhecer a mim mesmo. Os amigos são um bem precioso e a amizade, necessária à felicidade. A relação de amizade é sempre interpretada em relação à semelhança entre amigos, como parentesco. Amo o amigo pelo que ele é, e como um espelho, ele me reflete. Por meio dele, me conheço, pois, a nossa amizade se dá pelo que nos é comum. Então, sempre concordaremos com nosso amigo? Será que toda a amizade é traduzida em termos fraternais?

[...] por que, no imaginário da amizade, que se define precisamente mediante um movimento de delimitação frente à família, aparecem sempre as metáforas familiares e fraternalistas? Somos incapazes de pensar a amizade além da família? Estamos desprovidos da capacidade de criar novas imagens para nossas relações? (ORTEGA, 2000, p.67).

Bem. Nem sempre. Mas, quase sempre, diria. Tomemos outra forma de entender a amizade. Uma amizade baseada no amor transcendental, que ama a todos, inclusive os inimigos. Uma amizade assim é a experiência de um amor altruísta, extensão de uma relação vertical de Deus com os homens e, ao mesmo tempo, um modelo horizontal de relações humanas. Esta amizade é *Ágape*. Sou seu amigo, pois você é Deus. Então, nesta amizade experimentamos seguir um modelo de entrega e doação. Ortega (2000) ajuda-me a entender que o amigo não deve ser amado por si mesmo, mas por Deus.

Isso me faz compreender que a amizade é uma relação abstrata, despersonalizada. Somos amigos porque somos irmãos, filhos de Deus. A amizade, embora despersonalizada, segue como experiência de igualdade e concordância. Contudo, neste intervalo, quero fugir de um universalismo fraternal cristão que pressupõe correspondência e equivalência e exclui a alteridade na escrita. Estas dificuldades nós as temos.

Em algum ponto deve estar havendo um erro. Tomo o ato de estudar. Estabeleço com o texto uma relação de amizade. Crio outra possibilidade de mim neste momento. A amizade se empobreceria quando experimentada não pelo amor a esta condição, mas pela vantagem que tal texto, autor, poderia me dar. Uma relação imediata com estes autores é utilitária e de concordância. Mas, se estudo pelo prazer sempre vou querer experiências agradáveis, que, de certa forma, tenham comigo uma aderência. Ao mesmo tempo percebo que tenho experimentado rivalidade, desconfiança com meus interlocutores. Estou voltando ao começo. Como fazer uma amizade? Para Ortega “não devemos procurar uma adesão incondicional, mas uma incitação, um desafio para nos transformarmos [...] uma amizade cheia de contradições e tensões, que

permitisse um determinado agonismo e que não pretendesse anular as diferenças” (ORTEGA, 2000, p.80).

É importante discordar dos amigos? Eu também tendo a correspondências... Mas, como forma de aventura, gostaria de abrir a amizade e logo a escrita para o acontecimento. Um primeiro movimento seria entender que “a amizade não fortalece a identidade, mas constitui antes a possibilidade de nos transformarmos, a amizade é, no fundo, uma ascese, isto é, uma atividade de autotransformação e aperfeiçoamento” (ORTEGA, 2000, p.80-81).

Sempre fico incomodada quando leio a palavra ascese. Parece que com ela não posso aproveitar a vida, preciso me autocontrolar e disciplinar para atingir certo entendimento. Lendo uma entrevista de Foucault (1981)<sup>3</sup> sobre a amizade como modo de vida, percebo que a ascese é outra coisa, “é o trabalho que se faz sobre si mesmo para transformar-se ou para fazer aparecer esse si que, felizmente, não se alcança jamais”.

A amizade é um lado de fora e não depende da essência de um ou outro, mas da relação, que sempre é uma exterioridade capaz de modificar a ambos. Pois não é que a diferença e não o consenso tornou-se uma forma de amizade, e aqui, um modo de escrita? Para Ortega (2000, p. 81) “a assimetria serve aqui para realçar a alteridade, o cuidado do outro, a diferença [...] no amigo não devemos reconhecer-nos para fortalecer nossa identidade”.

Escrever sobre a amizade me faz pensar nas formas de vida que tenho experimentado com meus amigos. Com eles eu tenho aprendido a solidão, a solidão de estar com eles. Na amizade aprendo que estou me tornando outra

---

<sup>3</sup> FOUCAULT, Michel. *De l'amitié comme mode de vie*. Entrevista de Michel Foucault a R. de Ceccaty, J. Danet e J. leBitoux, publicada no jornal Gai Pied, nº 25, abril de 1981, pp. 38-39. Tradução de Wanderson flor do nascimento. Disponível em: <http://portalgens.com.br/portal/images/stories/pdf/amizade.pdf>. Acessado em: 08/02/2016.



coisa, que todos estes estudos têm me tornado mais autônoma e menos determinada pelos papéis e prazos que as instituições me forçam. As prescrições institucionais têm se tornado mais fracas. Tenho experimentado driblá-las para que sejam uma possibilidade de vida, de existência e não de morte. Eis a escrita.

Nesse esforço, a amizade tem se apresentado como um modo de vida, um modo de estudo, um modo de escrita. Minha condição é muito pequena. É de que a solidão é uma condição para a amizade, para um bom relacionamento. Distância e solidão fazem parte da experiência de amizade. Aproximar-se e afastar-se dos amigos é condição de respeito não só ao outro, mas de cuidado para comigo.

Deleuze (1988<sup>4</sup>) se pergunta, por que se é amigo de alguém? Para ele a questão da amizade não passa por “ter ideias em comum”, mas, por ter “uma linguagem em comum”. Isto me parece extraordinário já não é o amigo que importa, mas, a amizade, este outro corpo, outra condição na qual o pensamento é exercido. O que seria esta linguagem comum experimentada na amizade? Deleuze insiste “ser sensível aos signos de alguém, uma espécie de charme”.

Particularmente penso nos gestos. A amizade é este terceiro corpo, este outro que inventamos na escrita. E quando ele acontece, descobrimos “o pequeno grão de loucura do amigo”, um “ponto de demência” que não nos faz desmoronar, ao contrário, nos modifica, nos faz inventar novos modos de nós mesmos dados nesta condição que nos faz, antes de tudo, rir.

---

<sup>4</sup>DELEUZE, Gilles. *O abecedário de Gilles Deleuze entrevista a Claire Parinet*, em 1988. As gravações foram realizadas em 1988, com a condição de serem exibidas apenas postumamente. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wH04aZgPn9o> Acessado em: 08/02/2016.

Este estudo parece uma confissão de amor. Não posso ser amiga de alguém como uma condição dada, estabilizada, que preceda à relação em si. A qualidade da amizade é a diferença que produz em mim, no outro e na própria relação. Isto torna tudo meio impossível, mas nunca paralisado numa essência. Talvez possamos pensar a amizade assim “segundo três elementos: inconstância, imprevisibilidade, instabilidade. [...] A amizade assim estaria aberta para o acontecimento, para o novo, para a invenção e para a experimentação” (ORTEGA, 2000, p.83) e, acrescentaria, para um modo de escrita. Da escrita tranquila, ensimesmada que se identifica ao autor, à verdade, à moral e exprime uma relação fraterna passamos à agonia, ao espaço de liberdade e risco.

### **ANDARILHAGEM**

Existem viagens/escritas com roteiros prontos, destinos traçados e, às vezes, já cheias de experiências pré-vistas. Nestas o viajante/escritor está seguro na sua caminhada. Outras viagens/escritas são forçadas, como as de refugiados, exilados e emigrantes. O lugar de origem é insustentável e precisamos sair. Mas, e o andarilho/escritor? Qual seu roteiro? Que segurança e estabilidade experimenta?

Custei um pouco a entender que eu gostaria de fortalecer esta figura definida pelo seu modo de andar, andar por aí, para pensar um modo de escrita. Retomo a leitura de Friedrich Nietzsche que provoca em um dos fragmentos de *Humano, Demasiado Humano* que “quem alcançou em alguma medida a liberdade da razão, não pode se sentir mais que um andarilho sobre a terra” (NIETZSCHE, 2005, p.271). Qual a razão disto? Sentir-se no meio do mundo? Que escrita estaria implicada à viagem?

Num primeiro momento ligo à ideia de viagem à locomoção. Se viajar mais, terei mais afetos, mais ideias. Jelson Oliveira na sua *Filosofia da viagem* nos persuade à lógica transitória da viagem “viajar é passar, e a forma dessa passagem é a impermanência, a fluidez constante, uma durável necessidade de deixar para trás aquilo que foi conquistado” (OLIVEIRA, 2014, p.150).

Assumir a escrita de forma transitória é um contrassenso para lógicas fixadas por prescrições. Quanto mais estudo, mais quero estudar e vou, numa lógica-traça de um texto a outro, transversalizando caminhos que sempre fogem dos planos tramados por mim. Perambular por aí sem rumo é sofrido, constantemente podemos ser expulsos e não termos pertença. Como aquele que emigra sempre, que precisa ir a outros lugares quando a vida no lugar fica insustentável.

O andarilho caminha. Caminhar é toda sua verdade. Não tem um ponto final, pois que seria umromeiro. À medida que caminha pode chocar-se com o que vê e vive, pode sofrer, surpreender-se, alegrar-se e perturbar-se nas paradas, encontros e caminhos que faz. Sempre provisório, o andarilho é a própria superfície da vida. Encontro uma beleza aí. A viagem como lugar de experiência que une caminhada e pensamento, vida e conhecimento. Não, o andarilho não viaja por prazer, para ser feliz. Ele está livre de todo o utilitarismo. Ele viaja para viver. Duvido muito que seja feliz no seu nomadismo. Buscaria ele a felicidade ou a vida? Aquela felicidade das propagandas de viagens na qual contemplamos um oceano calmo e tranquilo numa linda cadeira de praia vermelha? Queremos ficar, descansar e comprar aquela ideia de paz. Quem dá conta de tanta intensidade, caos e incerteza?

Mas, “se a vida mesma é entendida pela metáfora da passagem constante, então é preciso que haja constantes rompimentos e desligamentos.

Nada pode ser fixo. Nada deve permanecer ligado de uma vez por todas” (OLIVEIRA, 2014, p.150). Qual a força de um pensamento andarilho? O andarilho quer sempre ir ou ficar? Eu escrevi nomadismo no meio do parágrafo anterior. Impossível não voltar-me para o abecedário de Gilles Deleuze<sup>5</sup>:

[...] sim, os nômades sempre me fascinaram, exatamente porque são pessoas que não viajam [...] os nômades viajam pouco. Ao pé da letra, os nômades ficam imóveis. Todos os especialistas concordam: eles não querem sair, eles se apegam à terra. Mas a terra deles vira deserto e eles se apegam a ele, só podem “nomadizar” em suas terras. É de tanto querer ficar em suas terras que eles “nomadizam”. Portanto, podemos dizer que nada é mais imóvel e viaja menos do que um nômade. Eles são nômades porque não querem partir. É por isso que são tão perseguidos [...].

Agora, num segundo momento, a locomoção da viagem não quer dizer, necessariamente intensidade. Estaria a intensidade de uma vida nos lugares externos, na intensa imobilidade entre-lugares? Retomemos a cena da escrita. Nossa vida, como escritores, também é escrever sobre as mesmas coisas. Nossa viagem se converte no mesmo. Penso com Deleuze que a intensidade de um pensamento nômade, que viaja, pode estar na aparente imobilidade de um livro, um texto, uma música, um filme, um tema. Na intensidade de acontecimentos que disparam. Na beleza de um escritor que toma como enzima autores e não deixa de viajar com eles.

**E...**

Vamos nos constituindo à medida que escrevemos e entramos em contato com estas forças. Nós também somos forças que atuam em outras forças. Quando atuam em nós, lhes atribuímos, na medida em que sofremos

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wH04aZgPn9o> Acessado em: 08/02/2016.

suas ações, um sentido singularizado. Há encontros que nos forçam a desorganizar modos conhecidos de viver, pensar, escrever. Isto nem sempre é tranquilo, pode ser estranho e angustiante.

Eis a vida. Um movimento, uma sequência de enfrentamentos sem paradas. A vida acontece aí, de forma complexa, onde os dados podem ser tomados como forças que afetam o sujeito de diferentes maneiras e perturbam a conhecida organização que denominamos "eu". Nos vividos, estas forças podem também não se manifestarem. Tudo vai depender dos enfrentamentos e da produção de singularidades dadas em cada encontro, em cada composição. Na medida em que a ação das forças do lado de fora, que circulam por aí, afetam o corpo, passam também a circular do lado de dentro e a compor o "eu" que imagina, quer e deseja. Isto se dá num eterno movimento apaixonado, amigo, andarilho e....

### Referências

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão Inglesa de W.D. Ross. Coleção os Pensadores. V II. 4ª ed. São Paulo. Nova cultural, 1991.

DELEUZE, Gilles. **O abecedário de Gilles Deleuze** Entrevista a Claire Parnet, em 1988. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JagcUtuyd4o> Acessado em: 01/07/2015

FOUCAULT, Michel. **De l'amitié comme mode de vie**. Entrevista de Michel Foucault a R. de Ceccaty, J. Danet e J. leBitoux, publicada no jornal Gai Pied, nº 25, abril de 1981, pp. 38-39. Tradução de Wanderson Flor donascimento. Disponível em: <http://portalgens.com.br/portal/images/stories/pdf/amizade.pdf> Acessado em: 08/02/2016.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano Demasiado Humano**. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: São Paulo: Cia das Letras, 2005.

OLIVEIRA, Jelson. **Filosofia da Viagem**. 2 ed. Curitiba :PUC-Press,2014.

ORTEGA, Francisco. **Para uma política da amizade**: Arendt, Derrida, Foucault. Rio de Janeiro, Sinergia: Relume Dumará, 2009.

PONTON, Olivier. **“Fazer do conhecimento o mais potente dos afetos”** In. MARTINS, André (Org.) O mais potente dos afetos: Spinoza e Nietzsche São Paulo: Martins Fontes, 2009.